

A TEMPESTADE

De sombras calmosas os Ceus se vestiram,
Sorveu a neblina da lua o fulgor,
As lindas safiras perderam seu brilho,
Usurpa-o das trevas medonho palor.

Trincheiras de nuvens, sombrias, espessas,
Do seio disparam do raio o luzir!
As ondas se encurvam co' o pezo dos ventos,
E vem sobre as praias quaes feras rugir!

Trovões pavorosos lá bramam nos ares!
Derrama a procella terrores a flux!
A leve andorinha perdeu o seu ninho
Tão cega e confusa do raio co' a luz!

[...]

A linda Zagala, bem junto à lareira,
Um himno descanta que eleva ao Senhor,
E o pranto inocente lhe ondea o rosto,
Desbota-lhes as rosas da face o pavor.

Palpita-lhe o peito... a voz se lhe some...
Confusa... medrosa se prostra ante a Cruz!
As línguas vorazes do raio flamífero
Lhe ceifam dos olhos a límpida luz!

E os brados de «hossana» ferventes desdobram
Co' os mil estampidos d'envolto lá vão!
Impedem-lhe os voos, decepam-lhe as forças
As vozes fogosas d'horriavel tufão!

Couto Severim,
in *Revista dos Açores*, vol. 2,
Ponta Delgada, 1853.